



JULIA QUINN
— E —
SHONDA RHIMES

RAINHA CHARLOTTE

*A história de amor que veio
antes dos Bridgertons e
que mudou a alta sociedade...*

shondaland | NETFLIX



JULIA QUINN
— E —
SHONDA RHIMES

RAINHA CHARLOTTE

*A história de amor que veio
antes dos Bridgertons e
que mudou a alta sociedade...*

shondaland | NETFLIX



A Editora Arqueiro agradece a sua escolha.
Agora, você tem em mãos um dos nossos livros
e pode ficar por dentro dos nossos lançamentos,
ofertas, dicas de leitura e muito mais!

Clique aqui para assinar
nossa newsletter e receber
as novidades diretamente
em seu e-mail.



RAINHA
CHARLOTTE



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

JULIA QUINN
- E -
SHONDA RHIMES



RAINHA CHARLOTTE

*Inspirado na série original Rainha Charlotte,
criada para a Netflix pela Shondaland*



Título original: *Queen Charlotte*
Copyright © 2023 por Julie Cotler Pottinger e Shonda Rhimes
Copyright da tradução © 2023 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Livia de Almeida

preparo de originais: Sheila Louzada

revisão: Carolina Rodrigues e Taís Monteiro

projeto gráfico e diagramação: Ana Paula Daudt Brandão

adaptação de capa: Natali Nabekura

fotografia de capa: © Netflix 2023. Usado com permissão

imagem de capa: © Drunaa / Trevillion Images (fundo), © Shutterstock

foto da autora Julia Quinn: © 2017 Roberto Filho

foto da autora Shonda Rhimes: © Amanda Demme

e-book: Pedro Wainstok

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Q64r

Quinn, Julia, 1970-

Rainha Charlotte [recurso eletrônico] / Julia Quinn, Shonda Rhimes ; [tradução Livia de Almeida]. - 1. ed. - São Paulo : Arqueiro, 2023.
recurso digital

Tradução de: Queen Charlotte

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-65-5565-487-5 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Rhimes, Shonda. II. Almeida, Livia de. III. Título.

23-82994

CDD: 813

CDU: 82-3(73)



Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para Lyssa Keusch.
Só não vou ficar com saudade pois ainda seremos amigas.
E também para Paul. Vou dizer bem aqui:
FOI TUDO IDEIA SUA.

– J. Q.

Para minhas filhas. Cada uma de vocês é uma rainha.

– S. R.

SUMÁRIO

Charlotte

George

Agatha

Brimsley

Charlotte

George

Charlotte

Brimsley

George

Agatha

George

Charlotte

George

Charlotte

George

Brimsley

Agatha

Charlotte

Agatha

George

Charlotte

Agatha

Brimsley
Charlotte
Agatha
Charlotte
Brimsley
Agatha
Charlotte
George
Charlotte
Agatha
George
Agatha
Charlotte

Sobre as autoras
Sobre a Arqueiro



Querido e amável leitor,

Esta é a história da rainha Charlotte da série Bridgerton .

Não é uma aula.

É ficção inspirada por fatos.

Todas as liberdades tomadas pelas autoras foram intencionais.

Aproveite.



Querido leitor,

A época mais fria do ano se tornou ainda mais fria com a triste notícia da morte da princesa real. A neta dos queridos rei George III e rainha Charlotte faleceu no parto, assim como o bebê.

Embora nossos corações sofram pela perda da princesa real, nossas mentes sofrem ainda mais pelo futuro da própria monarquia. Pois a Coroa precisa agora enfrentar uma crise. Uma crise que imagino que a rainha Charlotte considere bastante penosa depois de dominar com punho de ferro os esforços casamenteiros da alta sociedade e do mercado matrimonial.

Esta autora, assim como toda a Inglaterra, só pode esperar que a rainha finalmente canalize suas energias casamenteiras para sua própria família. Afinal de contas, Sua Majestade tem treze filhos e, até o momento, nenhum herdeiro real foi por eles gerado. Isto é, nenhum legítimo.

É de se pensar: será que não passa de conversa todo o conhecimento da rainha sobre como fazer um bom casamento?

Crônicas da Sociedade de Lady Whistledown,

10 de novembro de 1817



Cinquenta e seis anos antes...

CHARLOTTE



Essex, Inglaterra

London Road

8 de setembro de 1761

Como todos os membros da aristocracia alemã, a princesa Sophia Charlotte de Mecklenburg-Strelitz era detentora de numerosos nomes. Sophia era o nome da avó materna, Sophia Albertine de Erbach-Erbach, condessa por nascimento e duquesa por casamento. Charlotte era uma homenagem ao pai, Charles Louis Frederick de Mecklenburg-Strelitz, que fora o segundo filho, mas morrera antes de assumir a posição de chefe da família. E havia as numerosas terras e propriedades com nomes duplos que compunham a herança da princesa. Mecklenburg-Strelitz e Erbach-Erbach, naturalmente, mas também Hildburghausen, Schwarzburg-Sondershausen e, se alguém quisesse ir ainda mais longe na linhagem, Waldeck-Eisenberg.

Ela apreciava todos os nomes e tinha orgulho de cada um deles, mas o que mais prezava era o apelido Lottie.

Lottie. Bem simples, mas não era a isso que se devia sua preferência. Afinal de contas, dificilmente poderia ser descrita como uma mulher de gostos simples. Adorava perucas bem altas e vestidos exuberantes e tinha a convicção de que ninguém em sua família admirava tanto as complexidades da música ou da arte quanto ela.

Não era uma criatura simples.

Não mesmo.

Mas gostava de ser chamada de Lottie. Gostava porque quase ninguém

usava aquele nome. Era preciso *conhecê-la* para chamá-la assim.

Era preciso saber, por exemplo, que na primavera sua sobremesa preferida era torta de damasco com framboesa e, no inverno, strudel de maçã. Na verdade, adorava frutas e doces, de modo que qualquer doce à base de frutas tinha sua predileção máxima.

Quem a chamava de Lottie também sabia que, quando menina, ela adorava nadar no lago próximo de sua casa (quando fazia um pouco de calor, o que raramente acontecia). Sabia também que, quando a mãe proibira esse hábito (declarando que a garota estava crescida demais para algo tão frívolo), Charlotte ficou três semanas sem falar com ela. A paz só foi restabelecida depois que Charlotte redigiu um documento legal surpreendentemente minucioso que delineava os direitos e as responsabilidades de todas as partes envolvidas. A mãe não se deixou persuadir de imediato pelos seus argumentos, mas Adolphus, o irmão mais velho, interveio na situação. Charlotte tinha feito uma boa argumentação. Demonstrara lógica e inteligência e com certeza deveria ser recompensada por isso.

Tinha sido Adolphus quem a apelidara de Lottie. E esse era o verdadeiro motivo para que o apelido fosse sua forma de tratamento preferida. Tinha sido concedido por seu irmão preferido.

Quer dizer, o irmão que *um dia* foi seu preferido.

– Que cara de estátua é essa? – comentou Adolphus, sorrindo, como se ela não tivesse passado as últimas três semanas implorando para não se casar com um desconhecido.

Charlotte queria ignorá-lo. Mais do que isso, gostaria de nunca mais ter que dirigir uma única palavra a ele pelo resto da vida, mas até ela reconhecia que era uma teimosia vã. Além do mais, os dois se encontravam dentro de uma carruagem, no sudeste da Inglaterra, com um longo caminho pela frente, mesmo depois de já terem percorrido um grande trecho dele.

Estava entediada e furiosa, o que nunca era uma boa combinação.

– Estátuas são obras de arte – respondeu ela num tom gélido. – A arte é bela.

O irmão sorriu. Maldito fosse.

– Arte é algo belo de contemplar – disse ele, com certo bom humor. – Já

você está apenas ridícula.

– Por que diz isso? – retorquiu Charlotte.

Ele deu de ombros.

– Você está absolutamente imóvel há seis horas.

Ah, não. *Ah, não.* Ele não deveria ter tocado naquele assunto. Charlotte encarou-o com seus olhos escuros transmitindo uma ferocidade aterrorizante.

– Estou usando seda de Lyon. Incrustada com safiras da Índia. Com uma sobreposição de rendas de dois séculos atrás.

– E está linda. – Ele estendeu o braço para bater de leve no joelho da irmã, mas retirou a mão com pressa ao ver a expressão dela.

Uma expressão assassina.

– Aparentemente, o excesso de movimento pode fazer com que as safiras rasguem a renda – grunhiu Charlotte. Literalmente grunhiu. – Você quer que eu rasgue a renda? *Quer?*

Ela não esperou uma resposta. Ambos sabiam que a pergunta havia sido retórica.

– Como se não bastasse – prosseguiu Charlotte –, meu espartilho foi feito com barbatanas de baleia.

– Barbatanas de baleia?

– Sim, de baleia, meu irmão. Barbatanas de baleia. *Baleias morreram por minha aparência.*

Adolphus soltou uma gargalhada.

– Lottie...

– Não ouse. Não me chame de Lottie como se você se importasse comigo.

– Você sabe que me importo, *Liebchen.*

– Ah, é? Porque não parece. Parece que amarraram meus braços e pernas como se eu fosse uma porca após a engorda e estivesse prestes a ser colocada no altar como sacrifício.

– Charlotte...

Ela arreganhou os dentes.

– Vai colocar uma maçã na minha boca?

– Charlotte, *pare*. Você foi escolhida por um rei. É uma grande honraria.

– Aí está – disparou Charlotte. – É por *isso* que estou zangada. As mentiras. Você não para de mentir.

Ela não suportava aquilo, a infinidade de mentiras. Aquilo não era honraria nenhuma. Ela não sabia como classificar a situação, mas, definitivamente, honraria não era.

O rei George III da Grã-Bretanha e Irlanda tinha aparecido do nada (ou melhor, os *representantes* do rei; ele não havia se dignado a fazer uma aparição) e decidira, de forma inexplicável, que ela, Sophia Charlotte de Mecklenburg-Strelitz, seria sua próxima rainha.

Mecklenburg-Strelitz. A comitiva real tinha ido até a distante *Mecklenburg-Strelitz*. Charlotte amava aquele lugar, seu lar, com seus lagos plácidos e gramados verdejantes, mas estava ciente de que Mecklenburg-Strelitz era considerado um dos estados menos importantes de todo o Sacro Império Romano-Germânico.

Isso sem falar da distância. Os conselheiros do rei precisaram navegar um grande trecho, passando por dezenas de ducados e principados (e suas dezenas de duquesas e princesas), para chegar a Mecklenburg-Strelitz.

– Eu não minto para você, Charlotte – disse Adolphus. – É um fato: você foi escolhida.

Se conseguisse se mexer dentro daquele espartilho de barbatanas de baleia, Charlotte teria se virado para encará-lo. Como não era possível, foi obrigada a lançar apenas um olhar glacial de esguelha para o irmão.

– E foi muito difícil ser escolhida? – questionou ela. – Do que eles precisam? Nada de especial. Alguém que possa gerar muitos filhos. Alguém que saiba ler. Alguém que domine as regras sociais. Alguém com sangue real. É só isso que exigem.

– Isso não é pouco, *Liebchen*.

– Isso *não é* uma grande honraria. E você poderia ter mandado escolherem outra. Alguma moça estúpida a ponto de desejar isso.

– Eles não queriam uma estúpida. Queriam você.

Deus do céu, não era possível que ele fosse tão burro.

– Adolphus, pense – implorou Charlotte. – Por que eu? Ele poderia ter escolhido qualquer uma. Mas não. Atravessaram o continente à minha

procura. Deve haver uma razão.

– Porque você é especial.

– Especial?

Charlotte não conseguia acreditar em tamanha ingenuidade. Não, Adolphus não era ingênuo. Estava apenas tentando acalmá-la como se ela fosse uma criança boba, cega ou estúpida, incapaz de reconhecer a teia de perfídia tecida a seu redor.

– Sou uma desconhecida para eles. E eles são desconhecidos para nós. Você não pode achar que sou tão ingênua assim. Há um motivo para quererem a mim, uma desconhecida. E não pode ser coisa boa. Sei que não pode ser bom porque você não olhou nos meus olhos desde que me deu a notícia.

Adolphus levou um momento para falar. E, quando enfim falou, suas palavras foram vazias.

– É uma coisa boa, Lottie. Você vai ser feliz.

Ela fitou aquele homem a quem pensava conhecer melhor do que ninguém. Era seu irmão, o chefe da família desde a morte do pai, nove anos antes. Ele tinha jurado protegê-la. Tinha lhe dito que ela era boa e digna, e Charlotte *acreditara*.

Ela deveria ter imaginado. Adolphus era homem e, como todos os homens, via as mulheres como peões a serem movidos por toda a Europa, sem jamais pensar na felicidade delas.

– Você não sabe de nada – murmurou Charlotte.

Ele ficou em silêncio.

– Proclama que serei feliz como se fosse possível saber o futuro. Como se suas simples palavras pudessem garantir minha felicidade. Você alguma vez me perguntou qual era minha vontade? Não.

Adolphus soltou o ar com exasperação. Charlotte percebia que estava testando os limites da paciência dele. Mas não se importou, e sua fúria a tornou imprudente.

– Mande a carruagem dar meia-volta – anunciou ela. – Não vou me casar.

Adolphus assumiu uma expressão dura ao ouvir isso.

– Eu assinei o contrato de noivado. Você vai se casar, sim.

– Não vou.

– Vai.

– Irmão. – Ela tentou dar um sorriso insuportavelmente agradável. – Mande a carruagem dar meia-volta, senão vou me sacudir. Quer saber o que acontecerá se eu fizer isso?

– Aposto que vai me dizer.

– Esse meu espartilho, feito com as melhores e mais caras barbatanas de baleia do mercado, é um tanto delicado. É também muito, muito afiado. E, claro, estou no auge da moda, então este espartilho está bem apertado. – Charlotte cutucou a barriga para enfatizar, mas acabou ficando ainda mais desolada ao perceber que tinha perdido toda a sensibilidade. Era como se estivesse batendo numa parede

– Gostaria de afrouxá-lo? – sugeriu Adolphus.

– Não, não vamos afrouxá-lo – sibilou ela em resposta. – Preciso chegar impecável para ser exibida, o que significa que preciso continuar amarrada a esta monstruosidade. E isso significa que, se estou com a aparência de uma estátua, ridícula a seus olhos, é porque não consigo me mexer. Ou melhor: *não ousa* me mexer. Meu vestido é tão elegante que se eu me mexer demais corro o risco de morrer fatiada e perfurada pela minha roupa de baixo.

Adolphus apenas a encarou sem nada dizer.

– Que felicidade é ser uma dama – resmungou ela.

– Você está chateada.

Ela teve vontade de matá-lo.

– Charlotte...

– É uma opção viável – disse ela. – Me mexer. Pensei nisso. Escolher ser morta pela minha roupa de baixo. Deve haver alguma ironia na situação, embora confesse que ainda não a percebe. Humor, sim. Ironia... não sei muito bem.

– Charlotte, estou falando sério. Pare com isso.

Mas ela não podia parar. Sua mente estava em chamas. Sua fúria era justificada, e ela estava morrendo de medo, e a cada quilômetro era arremessada em direção a um futuro que não compreendia. Sabia o que estava acontecendo, mas não sabia por quê. E por isso se sentia burra e

pequena.

– Temos quanto tempo? Uma hora? – insistiu ela. – Se eu for diligente com os movimentos, acredito que conseguiria morrer antes de chegarmos a Londres.

Adolphus conteve um gemido.

– Como disse, você está chateada. Emotiva. Compreendo que...

– Você compreende? Jura? Eu adoraria ouvir sobre isso. Porque não estou chateada. Nem emotiva. Estou com ódio. E não consigo respirar. E tudo graças a você, meu irmão.

Ele cruzou os braços.

– É o que eu vou fazer – ameaçou ela. – Vou me sacudir e me deixar empalar por este espartilho ridículo e sangrar até morrer.

– *Charlotte!*

Naquele momento, ela finalmente calou a boca. Adolphus raramente falava com ela naquele tom. Na verdade, talvez fosse a primeira vez.

Diante de seus olhos, o irmão simpático desapareceu, sendo substituído por um duque de Mecklenburg-Strelitz poderoso e austero. Era desconcertante. Enfurecedor. E fez a garotinha que ainda morava bem no fundo do coração de Charlotte ter vontade de chorar.

– Sei que deveria ter sido mais firme com você quando nossos pais morreram – disse ele. – Permiti que lesse demais e atendi a todos os seus caprichos e desejos frívolos. Por isso, assumo toda a responsabilidade por você ser tão teimosa e achar que pode tomar decisões. Não pode. Eu dou as ordens. Você vai se casar.

– Não sei por que você não pode simplesmente...

– Porque eles são o Império Britânico e nós somos uma província minúscula na Alemanha! – rugiu ele em resposta.

Charlotte se encolheu. Só um pouquinho.

– Não tivemos escolha – continuou ele. – *Eu* não tive escolha. Quer um motivo? Muito bem. Não tenho motivos. Não existe uma boa razão. Na verdade, a razão pode ser terrível. Sei que ninguém como você ou como eu nunca se casou com uma dessas pessoas. Nunca. Mas não posso questionar! Porque não posso transformar em inimiga a nação mais poderosa do mundo.

Está feito. – Ele se inclinou para a frente, exalando raiva, impaciência e até mesmo resignação. – Então cale a boca, cumpra seu dever com nosso país e *seja feliz!*

Charlotte estremeceu. Porque finalmente Adolphus não estava mentindo. Sua pele era marrom. Marrom como chocolate, como madeira escura, intensa. Ela não precisava pôr os olhos sobre o rei George III da Grã-Bretanha e Irlanda para saber que a pele dele não era igual à dela.

Então por quê? *Por que* ele estava fazendo aquilo? Sabia o que europeus de pele clara diziam sobre pessoas como ela. Por que ele “poluiria” sua linhagem com uma moça de antepassados mouros? Sua árvore genealógica levava até a África e não era preciso recuar muitas gerações para chegar até lá.

Por que ele a queria?

O que estava escondendo?

– *Liebchen* – disse Adolphus. Ele suspirou e sua expressão se suavizou. Voltara a ser apenas seu irmão mais velho. – Sinto muito. Mas existem destinos piores do que se casar com o rei da Inglaterra.

Charlotte engoliu em seco e pôs-se a observar a paisagem campestre inglesa que desfilava por sua janela. Era verde e transbordante de vida. Campos e florestas, pequenos vilarejos com igrejinhas e ruas pitorescas. Não parecia tão diferente de sua terra natal, embora não tivesse visto um único lago.

Será que era demais querer um lago?

– Algum dia voltarei a Schloss Mirow? – perguntou ela, baixinho.

O olhar do irmão ficou melancólico, talvez até um pouco triste.

– É improvável – admitiu ele. – Você não vai querer. Dentro de um ano vai nos considerar rústicos demais para seu gosto.

Charlotte teve a estranhíssima sensação de que, se estivesse em outro lugar, com outra pessoa, talvez chorasse. No dia anterior, suas lágrimas teriam escorrido. Quentes e zangadas, com toda a intensidade de sua juventude.

Agora, porém, estava prestes a se tornar uma rainha. Não chorou. O que quer que existisse dentro das pessoas que formasse as lágrimas, levando ao

choro, tinha sido desligado.

– Recoste-se – disse ela, então pousou as mãos com firmeza no colo. – Está colocando meu vestido em perigo. Preciso estar perfeita na chegada, esqueceu?

Seu palácio a esperava.

GEORGE



Palácio de St. James

Londres

8 de setembro de 1761

Na maior parte do tempo, George não se incomodava de ser o rei.

As vantagens eram evidentes. Tinha mais dinheiro do que era possível gastar, inúmeros palácios que lhe serviam de lar e um verdadeiro esquadrão de criados e conselheiros, todos ávidos por satisfazer cada capricho seu.

Chocolate quente pela manhã com exatas três colheres de açúcar? Aqui está, Vossa Majestade, servido num prato com friso prateado.

Um exemplar de *História das plantas suculentas*, de Richard Bradley? Mas é claro. Não importa que tenha sido publicado há mais de 20 anos, vamos providenciar imediatamente!

Um pequeno elefante? Talvez leve alguns meses, mas vamos começar a busca agora mesmo.

É bom registrar que George não solicitara um elefante. Nem pequeno nem grande. Mas ele bem que se animava em saber que poderia fazer isso.

Então, sim, ser rei era, em grande parte do tempo, delicioso. Não sempre. Só que ele não podia se queixar, porque só um *patife* sairia por aí reclamando de ser rei.

Mas também tinha seus inconvenientes. A ausência quase absoluta de privacidade, por exemplo. Como agora mesmo. Um homem normal poderia talvez apreciar o momento de ser barbeado por seu criado pessoal sem ouvir nada além do canto dos pássaros que vinha pela janela aberta. O quarto de

vestir de George, porém, tinha sido invadido tanto por sua mãe quanto por um de seus conselheiros.

E nenhum dos dois demonstrava a menor disposição de calar a boca.

– Ela estava experimentando o vestido quando a deixei – disse a princesa Augusta.

– Tudo está correndo como deve – murmurou lorde Bute.

– Ela queria usar alguma monstruosidade de Paris. De Paris!

Bute assentiu, um movimento um tanto diplomático que não indicava concordância nem discordância.

– Acredito que a capital francesa seja reconhecida como um centro da moda.

George fechou os olhos. Era estranho, realmente, mas as pessoas pareciam falar com mais liberdade em sua presença quando ele estava de olhos fechados, como se assim ele não fosse *ouvi-las*.

Não era um artifício que George tivesse condições de empregar com frequência. Não podia fechar os olhos sentado no trono ou ao receber chefes de Estado, por exemplo, mas em ocasiões como aquela, recostado com uma toalha quente no rosto e no pescoço enquanto esperava que o criado chegasse com sabão e uma navalha afiada, podia ser uma experiência bem reveladora.

Pois a discussão de sua mãe com lorde Bute girava em torno da noiva de George, algo que não seria tão notável não fosse pelo fato de que George ainda não a conhecia e de que o casamento se daria dali a seis horas.

Era assim a vida de um rei. Seria de imaginar que um ser ungido por Deus tivesse o direito de pôr os olhos em sua noiva antes de se casar com ela, mas não. Um rei se casava por seu país, e não para satisfazer os anseios de seu coração ou suas partes baixas. Não era imprescindível que ele visse Sophia Charlotte de Mecklenburg-Strelitz antes de pronunciarem os votos. Na verdade, poderia ser até melhor não vê-la.

Mesmo assim, ele estava curioso.

– Ela está se casando com um rei inglês, precisa usar um vestido inglês – dizia a mãe. – Viu o que ela usava essa manhã quando foi apresentada a mim?

– Infelizmente não notei, senhora.

– Enfeites e babados. Um exagero para uma visita matinal. E safras. Em plena luz do dia. E renda feita por freiras. Freiras! Será que ela acha que somos católicos?

– Estou certo de que ela só queria causar uma boa impressão em sua futura sogra – insistiu Bute.

A princesa Augusta bufou.

– Essa gente do continente... São muito cheios de si.

George se permitiu um sorriso. A mãe nascera sob o nome de Augusta de Saxe-Gotha-Altenburg. E não havia nada tão plantado no meio do continente quanto Gotha.

Mas Augusta era princesa da Grã-Bretanha havia 25 anos. Mais de metade da vida. Deveria ter se tornado rainha, mas tal honra lhe foi negada quando o pai de George, então príncipe de Gales, foi atingido no peito por uma bola de críquete, morrendo pouco depois. A Coroa então saltou uma geração, passando de avô para neto, e, não tendo marido para se tornar rei, Augusta não poderia ser rainha.

No entanto, ela se devotara àquele país. Tinha dado à luz nove príncipes e princesas, todos falantes do inglês como língua materna. George julgava compreensível que a mãe tivesse passado a se considerar britânica por inteiro.

– Mas a moça é bela – disse Bute. – Um rosto deveras agradável. E ela se portou muito bem. Pode-se dizer que tem uma postura régia.

– Sim, claro – concordou Augusta. – Mas ela é muito marrom.

George abriu os olhos. Aquilo era inesperado.

– A terra é marrom – disse ele.

A mãe se voltou para ele.

– O que a terr... – começou a mãe, depois de uma pausa que não pareceu longa o suficiente para capturar toda a extensão do raciocínio de George. – O que isso tem a ver com a situação?

– Amo a terra – respondeu George, achando que era explicação suficiente.

– Como todos nós – murmurou Bute.

George o ignorou. Ele não se *incomodava* com Bute. Era um sujeito muito prestativo e os dois tinham em comum o amor pela filosofia natural e pelas

ciências. Mas também era irritante com certa frequência.

– A terra é marrom – repetiu George. – Dela desponta toda a vida, toda a esperança. É marrom. E bela.

A mãe ficou olhando para ele. Bute ficou olhando para ele. George apenas deu de ombros.

– Bem – insistiu a mãe –, o fato é que ninguém nos *contou* que ela era tão marrom.

– E isso é um problema? – perguntou George.

Ele voltou a fechar os olhos. Reynolds, o criado, tinha chegado com a navalha e era mais relaxante ficar assim. Se bem que, pensando racionalmente, talvez não devesse se sentir relaxado *demais* com uma navalha no pescoço.

– Claro que não – respondeu ela, depressa. – *Eu* não me importo em absoluto com a cor dela.

– Certamente se importaria se ela fosse roxa.

Silêncio. George sorriu por dentro.

– Você está me fazendo ficar com enxaqueca – disse por fim a mãe.

– Há numerosos médicos no palácio – respondeu George, muito prestativo.

E era verdade. Havia muito mais médicos do que seria necessário a qualquer pessoa.

Exceto se essa pessoa fosse um rei, aparentemente. Um rei exigia numerosos médicos. Ainda mais *aquele* rei.

– Ora, você sabe que não estou com enxaqueca de verdade – disse a mãe, contrariada. – Mas falemos sério, George: poderia permitir que eu termine?

Ele fez um gesto de anuência com a mão. Era um trejeito régio. Havia aprendido aquilo ainda bem jovem e serviu bem ao momento.

– Não estamos preparados para uma moça tão marrom – disse a mãe.

– De fato – opinou lorde Bute, o que não acrescentava nada à conversa.

– E não sai.

George abriu os olhos de repente.

– O quê?

– Não sai – repetiu a princesa. – Eu esfreguei o rosto dela para ter certeza.

– Por Deus, mãe – disse George, quase se levantando.

Reynolds deu um salto para trás, bem a tempo de evitar cortar o pescoço do rei com a navalha.

– Por favor, me diga que não tentou esfregar a pele da minha prometida até a cor sair – disse George.

A mãe dele se indignou.

– Não foi por mal.

– Qualquer que tenha sido sua intenção, você...

Ele parou, apertando a ponte do nariz. *Não se exalte não se exalte não se exalte*. Era importante permanecer calmo. Só assim poderia dar o melhor de si. Era quando perdia a calma que sua mente disparava, e tudo de que ele não precisava naquele momento (em momento nenhum, na verdade) era que sua mente disparasse.

Calma. Calma.

Ele tomou fôlego.

– A senhora não é uma mulher de pouca inteligência, mãe. Tenho certeza de que percebe que foi um gesto bastante rude.

A postura da princesa Augusta, normalmente já bem ereta, ficou ainda mais impossivelmente rígida.

– Sou a mãe do rei. Acima de mim não há ninguém além de você. Portanto é tecnicamente impossível que eu seja rude com qualquer pessoa exceto você.

– Seu argumento não se sustenta – disse George. – Já esqueceu que, ao cair da noite, ela será rainha? Com toda a certeza estará acima de você.

– Em posição social, talvez.

– Não era exatamente disso que estava falando?

Mas a princesa não era muito afeita à lógica quando a lógica contrariava seus argumentos.

– Ela é uma criança – pontuou Augusta.

– Tem 17 anos. Devo lembrá-la de que a senhora se casou aos 16?

– E é exatamente por isso que sei do que estou falando. Eu não tinha um pingão de maturidade quando me casei.

Aquelas palavras o surpreenderam. Era muito incomum que a mãe

falasse de si mesma daquele modo.

– Ela vai precisar de orientação – prosseguiu a mãe. – Que eu lhe fornecerei.

– E ela lhe será profundamente grata – disse lorde Bute.

Sempre tão prestativo. George o ignorou e se voltou mais uma vez para a mãe.

– Tenho certeza de que ela ficará encantada em receber sua ajuda e seu apoio depois de ter sido tratada pela senhora como uma aberração.

Augusta deu uma leve fungada de pretensão desdém.

– Justo você, que tanto exalta as virtudes da ciência e da pesquisa... não deveria desdenhar da minha curiosidade. Ora, nunca encontrei alguém daquela cor. Não sei como funciona. Até onde sei, uma camada dupla de tintura de arsênio a deixaria com a minha cor.

George fechou os olhos. Santo Deus.

– Eu sabia que ela era *um pouquinho* escura – insistia Augusta.

– De fato – murmurou lorde Bute.

– Por que Harcourt não mencionou isso? – perguntou ela a Bute. – Ele a viu quando assinou os papéis, não viu?

– Ele mencionou certa presença de sangue mouro – admitiu Bute.

– *Certa presença*. Isso poderia significar qualquer coisa. Achei que seria da cor de café com leite.

– Creio que alguns poderiam descrevê-la assim.

– Não como o café com leite que *eu* costumo tomar.

– Bem, cada um coloca o leite na quantidade que...

– Parem! – rugiu George.

E eles pararam. Vantagem de ser rei.

– Vocês não vão falar da minha noiva como se ela fosse uma porcaria de uma xícara de café – disparou George.

A mãe arregalou os olhos ante aquela linguagem rude, mas segurou a língua.

– Vossa Majestade... – começou Bute.

George o silenciou com um gesto.

– Mãe – começou ele, esperando que o olhar da princesa se fixasse nele

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Rainha Charlotte"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).